

Canção Perdida

Fifo Ribeiro

Na parada esperando o ônibus, comecei a cantar um samba novo. Não que a melodia, apesar de bela, fosse assim tão inovadora. Era uma melodia que encaixava, se completava e escorria solta de verso em verso. A letra, apesar de incrivelmente poética, não era aquela novidade, uma vez que o tema deveria ser amor ou exílio!

()

breve ensaio sobre a rocha

O amor é rocha. Fixo parado, tótem. O amor tem rugas, muito, muito mais que os dois mil anos que nos ensinaram. 10.000 anos, antes, 500.000 séculos, antes de se planejar o golpe do big-bang, as rugas lá estavam nos olhos cansados do amor.

O amor segue em frente, vai além e cai depois do horizonte em sólidas imensidões.

O amor nega a vida, e a vida afirma o amor, cínica!

Quem nós então pra falar do amor, visto que nos poucos anos que vivemos avistamos somente o que nossa alma permite, (cegos), vemos nada e falamos ainda de amor como papagaios embriagados.

A paixão se desprende do amor e perece. Morre como morrem os mortais, como morrem os que matam, como morrem os que curam, como morrem os que tentam em vão atrasar a morte, morre como tudo morre.

A paixão é lapso, susto – vida.

Invade, pisca, e crava o punhal.

E quando chega a paixão lá vamos nós homens e falamos de amor!

*

A minha música lá estava. Fosse em 1959, eu anotaria a letra em algum papel solto na minha cabeça, e repetiria a melodia incansavelmente, 20, 30, 40, 10, 20, 90 vezes até que tivesse decorado o suficiente pra enjoar e nunca mais a querer cantar novamente.

Fosse isso tudo na minha adolescência, ativaria meu gravador com aquela fitinha filhadaputamente pequeninha e cantaria timidamente olhando com espanto para os transeuntes mesmo os mais parados. Nunca mais a ouviria de novo, mas ela estaria por lá, em coma, esperando que alguma outra anotação verbal cobrisse seu manto eletromagnético, que algum arqueólogo a resgatasse, e nada entendesse.

Mas foi anteontem e meu celular tem gravador em dois cliques, e até videozinhos ele faz!

Devolvi meu telefone ao bolso e resolvi então deixar a minha composição criar vida, morrer pra sempre naquele momento. Canção efêmera como tantas e tantos lindos cantos que nunca chegarão aos ouvidos, mortos como nasce a arte. A melodia, não lembro. Era melancólica, bonita, recheada de suspiros.

A letra não lembro, era forte, impactante, tenebrosa nos seus minutos em pensamento...

..

Mas que besteira!!!

Nem me lembro direito se a canção falava de amor ou de exílio!

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/cancao-perdida>